REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 336

21 DE ABRIL 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

O MAESTRO ALFREDO KEIL, AUCTOR DA OPERA «DONA BRANCA»

(Segundo uma photographia de Fillon)

CHRONICA OCCIDENTAL

Pinheiro Chagas está completamente restabelecido.

Aquelle phenomenal talento, aquelle extraordinario trabalhador, aquelle esplendido caracter, aquelle querido grande homem, voltou já a occupar o seu proeminente lugar no parlamento, de que é a voz mais eloquente, nas lettras, de que é a mais radiosa gloria, no meio das acclamações jubilosas e triumphaes de todo o paiz.

Foi n'uma grande e bella festa de caridade — no beneficio promovido pela imprensa de Lisboa a favor das victimas da catastrophe do Baquet — que a voz portentosa de Pinheiro Chagas se fez pela primeira vez ouvir, depois da ressurreição milagrosa, que restituiu á Patria esse grande homem, — que ella, em longas horas de angustia, julgou para sempre perdido—, que restituiu a todos os amigos, que o estremecem, esse caracter leal e honestissimo, esse caracter de rija tempera como de rija tempera é o seu talento excepcional, que esteve prestes a afundar-se na eterna noite do tumulo.

E de todos os lados do paiz se erguem jubilosos hossanas saudando o glorioso ressuscitado, por todo o Portugal vae um alvoroço enorme de alegria, ao saber-se, que a desgraça horrivel, que por muitos dias pairou sobre nós, ameaçando-nos de nos roubar o melhor dos homens e o mais notavel dos portuguezes, se afastou para longe, tendo a generosidade misericordiosa de não cumprir a sua ameaça tremenda, de nos deixar intacto e brilhante aquelle enorme talento, aquelle privilegiado caracter, que é a gloria, que é o jubilo, que é o justissimo orgulho de todos nós.

E por todo o paiz se fazem *Te-Deuns* ao bom Deus, apotheoses ao grande homem.

E foi uma verdadeira apotheose a apparição de Pinheiro Chagas no theatro de S. Carlos, e foi uma verdadeira apotheose a apparição de Pinheiro Chagas no parlamento portuguez.

Apesar do seu optimo estado de saude, apesar da felicidade com que correra a sua convalescença, e da rapidez com que o robusto temperamento de Pinheiro Chagas se restabelecera da doença gravissima, que por tantos dias pôz em eminente risco a sua preciosissima vida, os medicos mostraram claros desejos de que elle se conservasse por mais tempo afastado da vida activa, e por isso quando a commissão da Imprensa convidou o eminente orador para tomar parte no sarau a favor das victimas do Baquet, a opinião dos medicos foi contraria á accedencia de Pinheiro Chagas.

Mas tratava-se d'uma festa de caridade para accudir a uma grande catastrophe, tratava-se de uma festa promovida pela imprensa, e o grande escriptor sentindo-se já completamente senhor de todas as suas poderosas faculdades, não quiz deixar de se collocar ao lado dos seus confrades do jornalismo; tratava-se de soccorrer os seus irmãos feridos por uma grande desgraça, e o grande orador não quiz deixar de lhe dar a esmola da sua palavra prestigiosa.

E apesar das indicações dos seus medicos, apesar dos receios dos seus amigos, Pinheiro Chagas foi.

Entretanto cá fóra, no publico, soubera-se d'essas indicações e toda a gente, até á propria hora de começar a festa da Imprensa, andava inquieta, anciosa.

Por toda a parte não se fallava n'outra coisa. Na bocca de todos havia esta pergunta:

— O Chagas vae?

E ninguem sabia responder ao certo.

A resposta definitiva só se soube ás 8 horas da noite, quando o publico começou a entrar em S. Carlos.

Pinheiro Chagas já lá estava no palco.

E era de ver a alegria com que esta boa noticia era recebida, o contentamento com que ella corria de bocca em bocca.

Mas essa alegria toda egoista, de ir ver um homem querido, que ha longos mezes se não via, de ir ouvir a palavra brilhante que ha muito tempo se não ouvia, e que por alguns dias se temeu não ouvir nunca mais, era logo cortada por um receio terrivel:

— Far-lhe-ha mal o ter vindo?

E ao mesmo tempo surgiam no espirito d'aquelles que ainda não tinham fallado com Pinheiro Chagas, depois da sua grave enfermidade, mil apprehensões dolorosas, as apprehensões de quem, ao ser-lhe restituido um thesouro preciosissimo, que quasi lhe esteve sendo roubado para sempre, receia que esse thesouro não lhe volte intacto.

Felizmente, o discurso de Pinheiro Chagas era o primeiro numero do programma, e estes receios, estas apprehensões, não torturaram por muito tempo.

Pinheiro Chagas entrou no palco, e o publico, todo de pé, fez-lhe uma acclamação triumphal que durou muitos minutos. No theatro echoavam, festivos e ruidosos, os bravos freneticos e os vivas enthusiasticos — era a saudação ao ressuscitado.

Depois o silencio fez-se: Pinheiro Chagas avançou para o proscenio e começou a fallar.

E logo ás primeiras phrases ouviu-se em toda a sala um sussurro d'alegria, como que um ruidoso suspiro d'alivio d'um grande peso.

Eram as sinistras apprehensões que fugiam em debandada: — o thesouro estava perfeitamente intacto, o ladrão que por dias se apossára d'elle, que quasi o estivera roubando para sempre, não lhe tirára um ceitil do seu enorme e prodigioso valor: era a mesma palavra eloquente e imaginosa, era o mesmo verbo ardente e enthusiasta, era o mesmo talento assombroso e genial, que faz vibrar todas as fibras da nossa alma, que nos enche de deslumbramentos radiosos, que nos faz correr pela espinha dorsal esse *frison* magnetico que só a scentelha divina do genio consegue produzir.

E a cada phrase de Pinheiro Chagas, respondia o publico com uma tempestade de bravos e de applausos, e quando o extraordinario orador acabou de fallar, a ovação tomou toda a apparencia d'uma apotheose, e o publico, radiante de jubilo, saudava já, não só a ressurreição do homem querido, saudava a ressurreição do talento mais brilhante, do orador mais prestigioso que é hoje a gloria de Portugal.

Dois dias depois de ter apparecido no palco de S. Carlos, a encetar de novo a sua vida, por uma santa obra de caridade, Pinheiro Chagas entrou na camara a retomar o seu logar de deputado, esse lugar que com tão notavel brilho occupa ha muitos annos.

Se o publico soubesse d'essa reapparição, teria ella sido n'esse dia o acontecimento de Lisboa e haveria romaria para o edificio das côrtes, como noites antes a houvera para S. Carlos.

Mas Pinheiro Chagas a ninguem annunciou a sua ida ao parlamento, e apenas já depois da sessão aberta, constou na camara por uma pessoa que casualmente encontrára Pinheiro Chagas, que o grande parlamentar retomava n'esse dia o seu lugar.

Os deputados regeneradores que estavam na sala, logo que souberam que o seu illustre collega entrava nos corredores da camara, vieram esperal-o.

Quando Chagas entrou na sala das sessões, houve profundo alvoroço, tanto na sala como nas galerias.

Todos os deputados correram a abraçal-o e Pinheiro Chagas foi alvo d'uma tocante e eloquente manifestação de sympathia.

Serpa Pinto, que tinha a palavra, fez umas perguntas ao sr. ministro da fazenda, e referiu-se muito commovido á reapparição de Pinheiro Chagas.

Em seguida Manuel d'Assumpção ergueu a sua voz poderosa e fez em rapidas e eloquentes palavras o elogio do eminente orador, congratulando-se com a camara e com o paiz pela sua ressurreição, pelo seu reapparecimento n'aquella casa de que era uma das maiores glorias.

O sr. ministro da fazenda, então usando da palavra, disse em nome do governo, e pessoalmente em seu proprio nome, que cheio de jubilo se associava a toda e qualquer homenagem com que a camara entendesse dever solemnisar a reapparição de Pinheiro Chagas, fez o elogio das altas qualidades d'espirito e de caracter do eminente litterato e orador, e disse que não fôra o primeiro a saudar a entrada de Pinheiro Chagas na camara, porque quizera deixar essa grata missão aos seus amigos e correligionarios politicos.

João Arroyo, o eloquente deputado regenerador, fez n'um brilhante e vigoroso improviso, a apotheose de Pinheiro Chagas, do seu espirito verdadeiramente superior, do seu caracter excepcional, d'esse homem, que é na sua patria, um exemplo para amigos e até para adversarios.

Carlos Lobo d'Avila, o brilhante deputado progressista, cujo talento notavel tanto fulgura na camara, como no jornalismo, usou tambem da palavra, para saudar com palavras sentidas e eloquentes, a reentrada de Pinheiro Chagas na camara.

Finalmente, Pinheiro Chagas pediu a palavra, e muito commovido, agradeceu á camara e ao paiz, todas as provas de affecto e de sympathia que lhe tinham dado durante a sua enfermidade, e aquellas, que n'aquelle momento mesmo, acabavam de lhe dar.

Disse, com a voz cheia de lagrimas, que entre essas demonstrações de estima, entre essas provas de sympathia, o impressionavam fundamente as palavras que o sr. ministro da fazenda acabava de pronunciar, por partirem exactamente do sr. Marianno de Carvalho, o adversario com quem, no ardor do combate politico, tivera as mais cruas discussões, as luctas mais violentas.

E muito commovido, Pinheiro Chagas referiu-se aos tempos em que, ambos novos, elle e o sr. Marianno de Carvalho, apertavam fraternalmente as mãos, quando um e outro só pensavam no trabalho e no futuro.

No fim do seu discurso, o grande orador foi abraçado por todos os deputados que estavam na sala.

O sr. ministro da fazenda foi um dos primeiros a ir cumprimental-o, e esses dois grandes homens, esses dois illustres luctadores, que ha tanto tempo se não fallavam, apertaram se as mãos profundamente commovidos e com as lagrimas a brilharem-lhes nos olhos.

O sr. Franco Castello Branco referiu-se em termos alevantados e sentidos, á reconciliação de Marianno de Carvalho e Pinheiro Chagas, d'esses dois homens «que representam, cada um no seu partido, não simplesmente dois dos mais vigorosos talentos, mas os seus dois mais frementes oradores, e acima de tudo isso, dois batalhadores politicos de mais variados recursos e de mais nervo que ha na politica portugueza.

O sr. Marianno de Carvalho retomou novamente a palavra, assegurando que sempre o magoára muito a interrupção das suas relações pessoaes com Pinheiro Chagas, seu amigo d'infancia, e que folgava immenso em poder ainda apertar-lhe a mão e pedir-lhe que o contasse no numero dos seus amigos.

E quando acabou de fallar, Marianno de Carvalho chorava como uma creança; a commoção apoderára-se de toda a camara e em muitos olhos brilhavam lagrimas sinceras e sentidas.

Por acclamação, lançou-se na acta um voto de congratulação, pelo restabelecimento do illustre parlamentar, e assim terminou este commovedor incidente, que foi com certeza uma das homenagens mais eloquentes prestadas ao talento e ás qualidades privilegiadas de Pinheiro Chagas.

Fallámos acima do Sarau da Imprensa, em favor das victimas do incendio do Baquet, e muito teriamos que dizer d'essa brilhante festa de caridade, se podessemos dispôr de espaço bastante.

Essa festa, promovida pela imprensa de Lisboa, foi verdadeiramente notavel, mercê dos dois eminentes oradores que lhe prestaram o concurso da sua voz prestigiosa, e dos illustres amadores de musica que lhe deram o auxilio do seu delicado talento.

Esses dois oradores, como todos sabem, foram Pinheiro Chagas e Antonio Candido.

Do primeiro já fallámos largamente, de Antonio Candido, que dizer, que não esteja dito ha muito tempo, desde que pela primeira vez o seu verbo eloquente e o seu talento extraordinario deslumbraram aquelles que tiveram a boa fortuna de o ouvir?

O discurso de Antonio Candido, no Sarau da Imprensa, foi uma verdadeira obra prima d'eloquencia moderna.

Discurso profundamente philosophico na essencia, artisticamente elegante na fórma, o publico ouviu-o maravilhado, sem saber o que admirar mais, se o que Antonio Candido dizia, se a maneira por que o dizia.

A arte de dizer tem em Antonio Candido o seu mais seductor e impeccavel artista; a phrase sae-lhe dos labios cinzelada primorosamente, com uma simplicidade excepcional, que encanta o ouvido, e ao mesmo tempo, se a maneira de dizer é tão bella, no que elle diz ha conceitos profundissimos, agitam-se altos problemas philosophicos, condensam-se brilhantes syntheses historicas, revolve-se todo um mundo de ideias ale-

vantadas, de deducções criticas, que affirmam deslumbrantemente um dos talentos mais poderosos, uma das illustrações mais notaveis de que Portugal se póde orgulhar.

Na parte musical tambem a festa da imprensa foi muito distincta; n'ella o publico ouviu pela primeira vez uma gentil senhora, discipula do Conservatorio, a sr.ª Judice, que possue uma voz de contralto notabilissima, que tem notas que faz lembrar a Schalchi, e a quem de certo está reservado um grande futuro na arte.

Todas as demais senhoras que tomaram parte no concerto foram muito e justamente applaudidas, e egualmente o sr. João Affonso que cantou d'um modo perfeitamente distincto o *Spirito gentil.*

A falta de espaço não nos permitte uma noticia mais minuciosa d'essa brilhante festa.

*

Vae muito longa já a chronica, mas não queremos terminal-a, sem registar aqui o grande *successo* alcançado entre nós pela celebre Sarah Bernhardt.

Apesar da exhorbitancia dos preços, os espectaculos da grande artista franceza foram muito concorridos.

Não pudemos assistir a todos esses espectaculos, vimos apenas Sarah Bernhardt em tres noites, mas tivemos a boa sorte de n'uma d'essas noites a vermos representar a *Fedora*, em que ella é perfeitamente assombrosa de talento e de arte.

Na *Francillon* achamol-a grande de mais.

A adoravel comedia de Dumas filho, tomada assim tragicamente, é d'um absurdo e d'um disparate incrivel.

Vimos tambem Sarah Bernhardt desempenhando a protogonista do seu drama *L'aveu*.

O drama é extremamente mediocre, mas a interpretação de Sarah Bernhardt é extremamente notavel.

N'uma peça em verso de André Theuriet, um acto idyllico, Sarah Bernhardt foi deliciosa de commoção e disse os versos magnificos de Theuriet com uma doçura musical que não é com certeza o realismo na arte, mas que encantou o ouvido do publico.

N'um acto da *Phedra* de Racine, Sarah Bernhardt apresentou outra phase do seu extraordinario talento—o de tragica classica, e foi admiravel de correcção, de plastica e de arte n'essa rapida scena.

O publico festejou muito Sarah Bernhardt, fez-lhe grandes ovações, mas os assignantes queixaram-se, e com razão, da falta do cumprimento do programma, em vista do qual tinham feito as suas assignaturas.

Esse programma dizia que Sarah Bernhardt representaria nas oito recitas d'assignatura a *Dama das Camelias, Tosca, Fedora, Francillon, Adrianna Lecouvreur, Phedra, Theresa Raquin* e *l'Aveu*, e finalmente Sarah Bernhardt só representou as cinco primeiras, a *Phedra* nunca a representou inteira e um acto que deu foi já fóra da assignatura como tambem *L'aveu* e a *Theresa Raquin*, a peça de Zola, em que havia tanto interesse de a ver, não a representou em Lisboa.

Não podemos de modo algum alongar mais esta chronica, e entretanto tinhamos ainda muitos assumptos de que fallar e entre elles um que nos chega á ultima hora—a tentativa de suicidio da festejada actriz Anna Pereira, uma noticia perfeitamente inesperada que sobresaltou toda a Lisboa que conta Anna Pereira, e justamente, entre as suas artistas mais queridas.

Felizmente os soccorros medicos poderam obstar a tempo a que essa tentativa allucinada tivesse um desenlace fatal, e Anna Pereira ás horas em que escrevemos está já livre de perigo, noticia que folgamos sinceramente poder dar aos nossos leitores, fechando esta longa chronica.

Gervasio Lobato.

ALFREDO KEIL

Eu sei que era a biographia completa de Alfredo Keil, que devia acompanhar hoje, no Occidente, o retrato do illustre maestro da *D. Branca*, mas, amigo de infancia do talentoso artista, por muito tempo vivendo quasi quotidianamente com elle, acho-me de todo incompetente para fazer a historia da sua vida, data por data.

Alfredo Keil é dos rapazes do meu tempo, tem hoje trinta e quatro annos, pois nasceu em Lisboa, a 8 de junho de 1854, é filho do sr. Christiano Keil, o conhecidissimo alfaiate allemão, que ha muitos annos veiu estabelecer-se em Lisboa, e que, á força de trabalho e de perseverança, conseguiu transformar a sua obscura lojinha, no primeiro estabelecimento do seu genero, no nosso paiz, e transformar os seus parcos haveres na solida riqueza que hoje o rodeia.

Keil pae, é um homem sympathico, trabalhador como poucos, um chefe de familia exemplarissimo, um perfeito cavalheiro, intelligente e illustrado, que conhecendo no unico filho, com que Deus abençoou o seu casamento com uma santa e virtuosa senhora da familia Stellpflug, as suas privilegiadas disposições artisticas, longe de contrariar a sua vocação, como os legendarios paes dos grandes artistas, se pôz a cultival-as com todo o amor, proporcionando a seu filho todas as maneiras de seguir livremente os impulsos da sua organisação, profundamente artistica, de caminhar na carreira para que as suas tendencias o levavam.

Essas tendencias levaram-n'o, desde a sua adolescencia, para as Bellas-Artes, para a musica e para a pintura.

—Pois seja pintor e seja musico, disse o pae Keil, não escutando outra voz senão aquella que segredava a seu filho o caminho da gloria.

E Alfredo Keil começou a dedicar-se de corpo e alma ao estudo da pintura, e dentro de pouco tempo dava brilhante conta de si.

Dotado de um notavel talento, robustecido pelo estudo tenaz e persistente, um estudo de allemão, porque, nascido em Portugal, Alfredo Keil é allemão por seu pae e por sua mãe, o novel pintor tornou-se rapidamente notavel; os seus quadros formosos distinguiam-se em todas as exposições, eram premiados pelos jurys, louvados pela critica, fallados pelo publico, e entre a pequena lista dos nossos bons artistas, começou logo a figurar, aureolado pelo talento e pela fama, o nome de Alfredo Keil.

Entretanto, ao passo que se dedicava com uma grande tenacidade, ao estudo da pintura, o demonio da musica andava a morder-lhe lá por dentro.

No seu *atelier* de pintor, havia a um canto um piano, e, de vez em quando, o moço artista deixava o quadro em que trabalhava, descançava os pinceis, sentava-se a esse piano e traduzia no teclado as melodias que a inspiração lhe cantava, quasi que *malgré lui*, dentro d'elle, emquanto na tela esboçava uma figura, ou compunha uma paisagem.

Depois o theatro, com as suas glorias ruidosas, fascinava-o, exercia uma poderosa seducção sobre o seu espirito impressionavel e enthusiasta de artista.

Ser um grande pintor, era excellente: mas ser um grande maestro, sentir todas as commoções violentissimas d'essas batalhas do palco, d'essas luctas homericas com o publico, e por fim vencer, triumphar, ter as acclamações ruidosas e freneticas de centenares de espectadores, momentos antes frios e severos, e agora vibrantes e enthusiasmados, subjugados, vencidos, dominados pelo talento triumphante do maestro?

E esses sonhos dourados, de lucta e de gloria, sorriam-lhe no seu espirito: no fundo da sua alma d'artista, surgia a fascinal-o a visão radiante da apotheose da primeira noite da *Dona Branca*.

E Alfredo Keil não poude resistir á tentação; deixou-se vencer pelo demonio do theatro, e seguiu o caminho que o devia levar á realisação da gloria sonhada.

E o musico começou a dominar n'elle o pintor.

Alfredo Keil começou logo a pensar em operas, e o seu primeiro trabalho foi uma opera comica n'um acto, intitulada *Suzanna*.

A musica era lindissima, mas o poema era em extremo mediocre.

O theatro da Trindade abriu as suas portas ao novo compositor; a *Suzanna* representou-se e Alfredo Keil começou a saber o que era a anciedade d'uma primeira representação, o que era a alegria d'uma victoria theatral.

A opera agradou, unicamente pela musica, em que havia, sobretudo, uma valsa formosissima, e se o poema fosse bom, a *Suzanna* teria feito uma gloriosa carreira.

Entretanto, Alfredo Keil tinha um genio musical muito poderoso, para se contentar em ser *maestrino* de operetta.

E não pensando mais em fazer operas comicas, Alfredo Keil começou a lançar-se em trabalhos musicaes muito mais importantes, e o seu *recueil* de melodias para piano, a sua ode symphonica, as *Orientaes*, a sua cantata, a *Patria*, executada com grande successo pela Real Associação dos Amadores de Musica, evidenciaram bem o alto valor musical de Alfredo Keil, mostraram que o seu talento poderoso estava fadado para muito maiores commettimentos.

E a representação da *Dona Branca*, grande opera em 4 actos e 1 prologo, de Alfredo Keil, veio provar que tinham rasão todas essas promessas, veio dar ao illustre maestro a gloria triumphal com que elle sonhava.

*
* *

Uma doença pertinaz impediu-nos de seguir com a assiduidade que desejavamos e que ella impunha, a grande opera de Alfredo Keil.

Vimos apenas uma vez a *Dona Branca* e tres vezes alguns actos soltos: estamos portanto na impossibilidade absoluta de fazer uma apreciação minuciosa d'essa opera notavel, uma apreciação perfeitamente individual, sem nenhumas pretenções a critica definitiva do trabalho de Alfredo Keil.

Entretanto, se não vimos a *Dona Branca* o bastante para fazermos d'ella uma analyse minuciosa, vimol-a o bastante para reconhecer o talento poderoso que n'ella se affirma brilhantemente, e que collocou logo a *Dona Branca* entre as obras musicaes mais notaveis, produzidas n'estes ultimos tempos, e o seu auctor entre os maestros modernos mais distinctos e gloriosos.

O prologo da *Dona Branca*, só o ouvimos uma vez, e não o podêmos apreciar bem, porque a sua instrumentação é muito complicada e de uma só audição ficámol-o comprehendendo muito pouco.

O 1.º acto, encerra bellezas de primeira ordem, que nas successivas audições mais nos encantaram, mas para nós, o acto culminante da *Dona Branca*, aquelle que se impõe logo a quantos o ouvem, o que revella deslumbrantemente a pujança e o brilho do genio musical de Alfredo Keil, é o segundo.

N'esse acto magistral, que qualquer grande maestro consagrado se honraria de assignar, ha dois trechos de primeira ordem em toda a parte, dois trechos que bastariam para fazer, não diremos só a fortuna d'uma opera, mas a reputação d'um compositor, a grande scena e aria de soprano, cortada pela serenata arabe, e o duo de soprano e tenor.

O terceiro acto, o acto do Paraizo, é d'um intenso colorido, d'um poderoso vigor, e mostra a facilidade enorme com que o maestro se sabe haver com as grandes massas coraes, e com os possantes effeitos de instrumentação.

O quarto acto, que nos dizem ser um dos melhores da opera, nunca conseguimos ouvil-o.

A *Dona Branca*, em resumo, é a revelação e a affirmação d'um notabilissimo talento musical, d'uma possante individualidade artistica.

Além da sciencia musical que ella denuncia, atravessam de vez em quando a opera uns largos sopros d'inspiração, que demonstram que ali não ha só a arte, que ha tambem muito talento e do melhor quilate; e sobre tudo isto a *Dona Branca* revela um notavel e rarissimo instincto theatral no seu auctor, todos os caracteristicos d'um forte e brilhante temperamento artistico, maravilhosamente dotado para a opera, para o drama lyrico, para a musica de theatro.

*
* *

A *Dona Branca*, posta em scena á custa do seu auctor, constituiu pela riqueza dos fatos, pela belleza do scenario, um dos espectaculos mais deslumbrantes que se tem visto em theatros portuguezes.

O effeito produzido pela opera foi enorme; em todas as noites que se dava a *Dona Branca*, S. Carlos tinha uma enchente completa e Alfredo Keil ruidosas e successivas ovações.

O desempenho da opera entregue a Helena Theodorini, Figuet, Prandi, Antonio d'Andrade, Francisco d'Andrade e Meroles, foi excellente por parte de todos, e magistral, verdadeiramente *hors ligne* por parte da Theodorini.

O illustre maestro Mancinelli que ensaiou e dirigiu a opera com a sua alta competencia, teve e com justiça grande parte no exito da *Dona Branca*.

O scenario de Manini era esplendido.

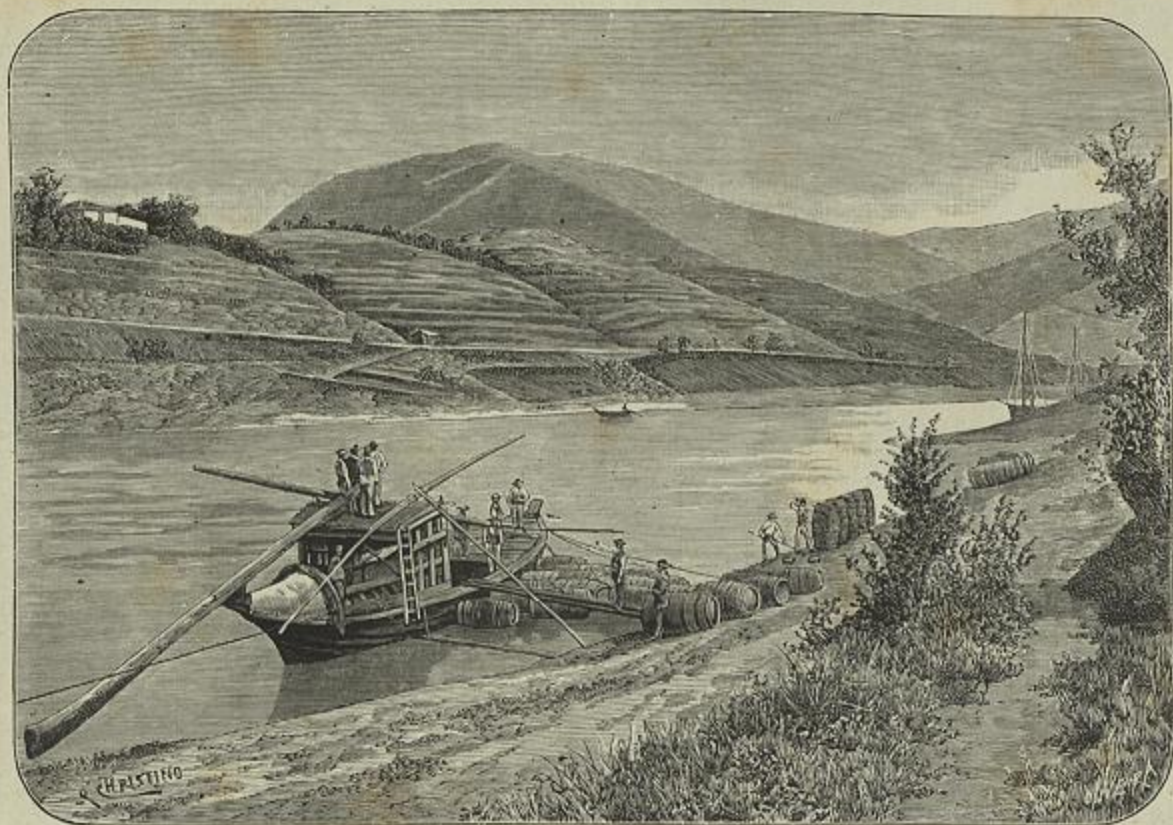
Como specimen damos hoje no Occidente, em gravura, a vista do primeiro acto, uma praça de Burgos, que era d'um grande effeito.

A scena d'esse acto que a nossa gravura representa, é a da entrada da infanta D. Branca, acompanhada pelo seu sequito.

G. L.

REAL THEATRO DE S. CARLOS

«DONA BRANCA» OPERA DE ALFREDO KEIL. — 1.º ACTO, SCENA DA ENTRADA DE DONA BRANCA — Vid. artigo Altredo Keil

(Desenho de J. R. Christino)

UMA PAIZAGEM DO DOURO, PROXIMO AO PINHÃO

(Segundo uma photographia de Biel & C.ª)

AS NOSSAS GRAVURAS

UMA PAIZAGEM DO DOURO

PROXIMO DO PINHÃO

A gravura que publicamos é copia de uma bella photographia dos srs. Biel, distincto photographo, que tem o seu atelier na cidade do Porto, e que reune a mais explendida collecção de photographias da provincia do Douro e do Minho, que temos visto.

Grande parte d'essas photographias são perfeitos quadros, tal é a arte com que são escolhidos os pontos de vista.

N'este caso está a photographia que reproduzimos pela gravura, no presente numero.

Uma paizagem, animada por uma d'essas scenas vulgares no rio Douro, a do embarque dos preciosos vinhos, que concorrem a todos os principaes mercados do mundo.

Ainda hoje, que o philloxera destruiu uma boa parte da cultura da vinha, na provincia do Douro, se póde felizmente observar o movimento de barcos que cruzam o rio, carregados de vinho e de aguardente, representando o grande commercio d'aquella região vinhateira.

A fórma do barco, que figura no quadro, é caracteristica e bastante differente de outros barcos.

O DR. VAN DER LAAN

Falleceu no dia 21 do mez passado, em Lisboa o dr. Van Der Laan, medico hollandez, que desde 1869 estabeleceu a sua residencia em Lisboa, adoptando Portugal por sua segunda patria, e creando em torno de si innumeras sympathias, que o popularisaram extraordinariamente.

Essas sympathias eram o resultado das qualidades pessoaes do homem, e da reconhecida sciencia do distincto medico.

Um feliz accaso para nós e infeliz para elle trouxe o dr. Van Der Laan a Portugal.

Van Der Laan tinha concluido os seus estudos medicos em Paris, depois de ter cursado, com notavel aproveitamento, a Universidade de Utrecht, de ter praticado no hospital ophtalmologico do dr. Douders e de ter aperfeiçoado os seus estudos nas universidades de Vienna, Praga e Berlin sob a direcção dos mais abalisados medicos ophtalmologistas. A sua construcção, que não era das mais robustas, resentiu-se com tanta fadiga de estudos e Van Der Laan sentiu os primeiros symptomas de padecimento pulmonar.

Foi esta triste circunstancia que o trouxe a Portugal, em busca de um clima mais temperado que o ajudasse a conjurar a doença de que se achava atacado, o que conseguiu até certo ponto, mediante uns cuidados extremos e um rigoroso regimen de vida.

O dr. Liebreich, com quem Van Der Laan privava em Paris acompanhando-o na sua clinica, deu-lhe recommendação para Lisboa, recommendação que valeu a Van Der Laan o principiar a fazer logo clinica, na especialidade de doenças d'olhos, realisando curas que o acreditaram e tornaram o seu nome rapidamente conhecido em Lisboa e depois em todo o paiz.

O Dr. Van Der Laan estabeleceu-se em uma casa na rua de S. Joaquim, e essa casa era a um tempo a sua residencia e um museu de historia natural, sobre tudo em aves, por que elle tinha especial predilecção.

Aquella casa era todos os dias visitada por dezenas de doentes dos olhos, de todas as classes da sociedade, desde a mais elevada até ao proletario, e todos eram attendidos e a todos o distincto medico oculista dispensava os recursos da sua sciencia.

O estado melindroso da sua saude não lhe permittia, porém, a fadiga d'uma tão grande clinica, e por isso procurou quem o ajudasse no tratamento dos seus doentes.

Foram os drs. Lourenço da Fonseca e Placido, os que por algum tempo ajudaram Van Der Laan, e praticaram largamente no tratamento das doenças d'olhos, especialidade que até então pouco ou nada se achava estudada em Portugal, e que por isso bem se póde dizer foi iniciada entre nós pelo dr. Van Der Laan.

Se outros factos da vida do distincto medico não merecessem a nossa consideração, bastaria este para o fazer digno do maior reconhecimento.

Mas o dr. Van Der Laan, além de ser um desvelado cultor da sciencia, era um philantropo e quantos desgraçados encontraram n'elle o medico que os curou e o bemfeitor que os soccorreu.

Ultimamente Van Der Laan tinha estabelecido um hospicio para tratamento de cegos, em uma casa do largo do Pelourinho, e n'elle eram tratados os doentes que podiam pagar e os que não podiam.

Esta louvavel idéa, quando a sua saude era já bastante precaria, revelam ainda a actividade do seu espirito e o desejo de ser util á humanidade.

Dissemos que o dr. Van Der Laan tinha em sua casa um museu de historia natural; este museu, porém, para o illustre medico não era uma simples curiosidade, mas sim objecto de estudo, que lhe occupava as horas que lhe ficavam livres da clinica.

Foi elle um dos primeiros que publicou a idéa de se estabelecer um Jardim Zoologico em Lisboa, e foi elle ainda que mais se esforçou para que essa idéa se pozesse em pratica, auxiliando os fundadores d'aquelle estabelecimento, tanto com a sua bolsa como com os seus vastos conhecimentos de naturalista, para a boa organisação do Jardim Zoologico.

Finalmente o dr. Van Der Laan foi um estrangeiro que soube agradecer a boa acolhida que encontrou no nosso paiz e o bom ceu que lhe permittiu alongar a vida por mais alguns annos, alentando-lhe a debil saude.

Van Der Laan morreu apenas com 47 annos de edade. Nascera na Hollanda, em 1841, filho de uma nobre familia, que se distinguiu nas armas.

A sciencia foi para elle um culto, a humanidade mereceu-lhe as maiores dedicações.

É justo o preito que prestamos á sua memoria.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

IV

COLLEGIO DOS NOBRES—REAL ACADEMIA DE MARINHA E ESCOLA POLYTECHNICA

Nos fins do seculo XVI toda a área que hoje é occupada pela casaria da parte do lado oriental da rua da Escola Polytechnica e pelo jardim botanico, consistia em uns extensos terrenos cultivados pertencentes ao regedor das justiças Fernão Telles de Menezes, que fôra governador da India, e sua mulher D. Maria de Noronha.

Esses vastos terrenos, que consistiam em verdejantes campos de trigo, pomar, olival, horta e casas de residencia, eram avaliados na importante somma de 6:000 cruzados e conhecidos pelo nome de *quinta do Monte Olivete,* denominação que lhes teria sido posta pelos seus proprietarios, gente muito devota pelas cousas da egreja, e muito temente a Deus.

O jesuitismo, que havia sido introduzido no reino pelo piedoso rei D. João III, conjunctamente com a inquisição, estava a esse tempo em Portugal na sua maior preponderancia e prestigio. Já então a companhia de Jesus possuia em Lisboa a casa professa de S. Roque, os collegios de Santo Antão-o-Velho e Santo Antão-o-Novo e o de S. Patricio, e estava-se projectando uma nova casa de noviciado, concorrendo muito para isso o cardeal Alberto, archiduque d'Austria, filho de Filippe I (II de Castella), que então se achava governando o reino com o titulo de vice-rei. Fernão Telles de Menezes e sua esposa, como ferverosos christãos que eram, foram dos primeiros que, enthusiastas admiradores dos jesuitas, accorreram presurosos a offerecer áquella ordem religiosa a sua magnifica propriedade da Cotovia para ali se edificar o projectado collegio de noviços, outhorgando-lhes, outro sim, uma dotação annual de 500$000 réis.

Deve deprehender-se que os jesuitas desde logo acceitaram tão valiosos offerecimentos, se bem que para aquella edificação já tivessem muitas outras offertas em differentes sitios da cidade e arredores, offertas que devem ser tomadas á conta, umas do fanatismo mais repellente, outras ao terror que aquella poderosa companhia inspirava ás familias mais ricas e consideradas do reino.

Algum tempo se passou na escolha de terreno azado para a edificação do novo collegio, mas aconteceu que indo o provincial, padre Antonio de Mascarenhas, visitar os terrenos da Cotovia ficou tão encantado com a quinta do Monte Olivete e sua prespectiva, que para logo deliberou que se devia optar por aquelle sitio *«por ser o que menos inconvenientes offerecia por então, e provar ser de bom commodo por estar pouco distante da cidade* (1) *e da casa de S. Roque, de bellos prospetos, lavado de ventos e sadio.»* (testual.)

Fez-se pois a escriptura em 26 de novembro de 1597, com enorme prazer dos proprietarios d'aquelles terrenos, que, impregnados de divino zelo e abrazados da mais pura fé, estavam intimamente convencidos do preceito jesuitico: — *o que se faz em honra e proveito da companhia, é feito em honra e gloria do proprio Jesus e em proveito do engradecimento da divina religião do Crucificado.»*

Estavam pois d'ali em deante os dois piedosos conjuges vestidinhos e calçados nos reinos dos céos, onde gozariam da eterna bemaventurança ao lado dos Sanctos Padres Ignacio de Loyola S. Domingos, S. Francisco Xavier, e outros não menos benemeritos d'aquella famosa companhia que então assombrava o mundo com os esplendores do seu immenso prestigio e poder.

Em 23 de abril de 1603 foi lançada solemnemente a primeira pedra para o collegio do noviciado, sendo auctorisada essa obra pelo papa Clemente VII e impetrada pelo geral da ordem Claudio Aquaviva, o frade mais sanguinario de que reza a historia da egreja.

Ficou o edificio muito vasto e rico, tanto em cantaria e finos marmores, como em obra de talha, entrando logo para elle quinze noviços, sob a immediata direcção do padre João Delgado, prégador da companhia e mestre de mathematica.

Em seguida deu-se começo á egreja, lançando-lhe a primeira pedra o bispo de Malaca, em 20 de março de 1605, sob a invocação de Nossa Senhora da Assumpção, por existir n'aquelle sitio uma capella assim denominada.

Não correu com somenos actividade o começo d'estas obras, pois que a fundadora, D. Maria de Noronha, dava-se muito a peito concluir a capella-mór para ali depositar os restos mortaes de seu esposo, fallecido pouco tempo antes, e cujos ossos se achavam depositados na sacristia da egreja de S. Roque.

Logo que a capella-mór foi concluida levantou-se ali, no recanto da parte do evangelho, um magestoso mausoleu, de finissimo marmore, assente sobre dois elephantes, obra primorosa, que importou em cerca de 3:000 cruzados.

Alguns annos depois falleceu a devota senhora, sendo depositado o seu corpo no mesmo jazigo. A perda de tão piedosa senhora deu margem a que as obras ficassem interrompidas, e, ou porque os recursos escasseassem para tão grande emprehendimento, ou por negligencia dos padres da companhia, o edificio permaneceu assim por muito tempo, e ficaria talvez por concluir se não fosse um ricasso, negociante *d'Ervens* (Antuerpia) chamado Lourenço Lombardo, homem desgostoso dos bens terrestes que mostrou desejos de fazer vida penitente e enclausurar-se.

As confidencias que houve entre este fanatico e os jesuitas, o que elle disse, o que prometteu, o que exigiu, não o diz a chronica; constitue parte d'esses mysterios tenebrosos que envolveram muitos dos manejos da famosa e arteira companhia; o que se sabe é que uma filha de Lourenço Lombardo, que era tida como herdeira da sua principal fortuna e que estava para casar, falleceu subitamente, e vinte dias depois seguiu o mesmo caminho da eternidade a esposa d'aquelle.

Desde então as obras da egreja adquiriram grande desenvolvimento sob a direcção de Balthazar Alvares e do irmão Lourenço que era quem andava com todas as despezas da edificação, despendendo para mais de 37:000 cruzados.

Em novembro de 1616 achava-se concluido todo o edificio, ficando d'uma sumptuosidade e riqueza surprehendentes.

A piedosa rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia, mulher de D. Pedro II, veiu depois melhoral-o em muito, e dotal-o com grandes benesses e rendimentos.

Os serviços que o collegio, então chamado da *Cotovia*, prestou ás patrias letras, durante os 143 annos da sua existencia monacal, foram enormes. Ali se formaram varões eruditissimos, que escreveram obras de grande tomo e fizeram trabalhos monumentaes nas sciencias e em diversos ramos da litteratura, obras que ainda hoje são lidas e consultadas pelos nossos primeiros homens de letras. É n'esses livros que se põe em evidencia

(1) Parte dos muros da cidade corria então por onde hoje é o lado oriental da rua do Alecrim e rua larga de S. Roque.

e se admira a vastidão de saber dos jesuitas, a profunda erudição d'esses homens extraordinarios, que, d'envolta com o clamor que iam produzindo os seus crimes, derramaram, em grandes caudaes de luz, a illustração por todo o orbe catholico, servindo os seus estudos de ponto de partida a grande numero de descobertas scientificas, que se realisaram no actual seculo XIX.

A fama que os jesuitas commerciavam e possuiam enormes riquezas, excitou os animos contra elles. Os jesuitas chegaram mesmo a impedir os tratados de commercio, como aconteceu no reinado de D. João V.

O marquez de Pombal, que queria o commercio livre á sua maneira, deu-lhes o golpe de morte, empregando medidas violentas e fortes. O pretexto foi «de embaraçarem o tratado de commercio, navegação e limites de conquistas entre as corôas de Portugal e Hespanha, que em 16 de janeiro de 1750 se havia celebrado.»

Esse pretexto pouco depois foi reforçado com a suspeita dos jesuitas terem tomado parte no attentado de 3 de setembro contra a vida d'el-rei.

Em 21 de setembro de 1757, isto é, dezoito dias depois de descoberta a conspiração, foram excluidos do paço os jesuitas confessores. Em 2 de maio de 1758 se lhe intimou o breve de Benedicto XIV que os prohibia de commercear. No dia 7 um edital os prohibiu de prégar e confessar n'este patriarchado. Em 19 de janeiro de 1759 appareceu o alvará que lhes sequestrava todos os bens; a 5 de fevereiro se lhes punham guardas ás portas fazendo-os reclusos, e, finalmente, em 3 de setembro, no dia em que precisamente fazia dois annos da tentativa de regicidio, era abolida a ordem n'estes reinos, embarcando no dia 16 os jesuitas em uma nau para Genova, sendo totalmente expulsos do reino. (1)

O deserto edificio do Monte Olivete foi então destinado para o *Real Collegio dos Nobres*, instituido por carta de lei de 7 de março de 1761. Em 7 de abril seguinte formaram-se os estatutos d'esse collegio, só podendo ali serem admittidos segundo a letra d'esses estatutos, os alumnos que fossem qualificados com o fôro de fidalgo; devendo limitar-se o seu numero a cem, não terem menos de sete nem mais de treze annos, saberem ler e escrever, e no acto da admissão pagarem adiantadamente 60$000 réis, pelo primeiro semestre, e egual quantia no começo de todos os semestres seguintes.

O estudo das disciplinas consistia nas linguas latina e grega, rethorica, logica, poetica, e historica, linguas franceza, ingleza e italiana; mathematica, architectura militar e civil, desenho e phisica. Nas aulas usavam os alumnos uns fatos talares, ou *garnachas*, muito similhantes ás bécas dos desembargadores.

O regimen que ali havia era d'uma austeridade exagerada, mas como os filhos da nobreza nem sempre são os que mais se applicam aos estudos, aconteceu que o collegio do Monte Olivete nada de notavel produziu n'este segundo periodo da sua existencia, não correspondendo, portanto, aos fins para que fôra creado. Um esclarecido jornalista liberal d'esse tempo fallando do *Collegio dos Nobres* escrevia: ... «*É monumento de um luxo orgulhosamente esteril no meio da necessidade e da mendicidade.*»

E aos alumnos denomina: ... «*vergonteas que uma força pertinaz ageita a um certo risco, em vez de crescerem dirigidas ao ar de Deus e de uma bem regrada liberdade.*»

Palavras sensatissimas que exprimem eloquentemente que o poder absoluto e o jesuitismo nasceram ambos da mesma fonte e se nivelam perfeitamente!

O regimen liberal veiu acabar com aquelle odioso exclusivismo ao desenvolvimento da intelligencia, imposto por um ministro despotico; veiu derruir aquelle previlegio que estava entorpecendo o livre derramamento da instrucção nacional e que não podia nem devia ser o apanagio de qualquer classe previlegiada.

Em 4 de janeiro de 1837 o real collegio dos nobres era extincto, ficando todo o edificio á disposição do ministerio da guerra para ali estabelecer uma grande escola de instrucção militar.

Deve-se a extincção do collegio dos nobres e a reforma geral dos estudos do reino, que então se fez, a Passos Manoel, o homem de mais avançadas ideias que nos trouxe a revolução de setembro de 1836. Sá da Bandeira, Vieira de Castro e outros secundaram os esforços d'aquelle illustre caudilho da liberdade, dando a mais larga amplitude aos estudos do reino, tanto nas escolas militares, como nas civis; tanto nos cursos de artes e officios e de litteratura nacional, como nos das sciencias medicas e mathematicas.

O decreto da extincção do collegio dos nobres é datado de 4 de janeiro de 1837, e referendado pelo visconde de Sá da Bandeira. É laconico mas significativo.

Em 11 do referido mez foi igualmente extincta a Real Academia de Marinha, creando-se em seu logar a Escola Polytechnica.

No dia 12 ordenou-se que a recente escola fosse estabelecida no edificio do extincto collegio. N'esse mesmo dia se aboliu a *Academia de Fortificação e Desenho*, que igualmente estava funccionando n'aquelle edificio, sendo instituido em seu logar, pelo mesmo decreto, a *Escola do Exercito* (2) devendo constituir ambas as escolas um curso completo de estudos militares.

Seis annos depois, em a tarde do dia 23 de abril de 1843, das 3 para as 4 horas, manifestou-se um violento incendio no edificio do Collegio dos Nobres reduzindo-o em poucas horas a um montão de ruinas. A catastrophe restringiu-se unicamente ao edificio, não victimando ninguem e podendo salvarem-se as duas livrarias, que continham obras de grande valor, as machinas e utensilios das aulas de phisica e chimica e astronomia, bem como quasi todo o material da aula de metereologia.

Da escola militar foram salvos quasi todos os objectos de estudo e toda a mobilia.

Da egreja tudo se salvou, incluindo as imagens as alfaias e vasos sagrados.

Depois da dolorosa sensação produzida por este triste acontecimento cuidou-se em reconstruir o edificio, sendo para esse fim auctorisado o governo por carta de lei de 28 de julho do mesmo anno.

A Escola Polytechnica e a do Exercito, que até ali se tinham localisado no edificio incendiado, passaram a funccionar: a primeira no convento dos Paulistas e a segunda no collegio de Rilhafolles da antiga congregação da missão de S. Vicente de Paula (onde estava então o collegio militar, que em 14 de novembro de 1848 foi transferido para o real edificio de Mafra.) As cadeiras de phisica e chimica passaram a leccionar-se no edificio da casa da moeda, e assim tudo o mais provisoriamente, em quanto se reedificava o edificio que devia servir de padrão á memoria de D. Pedro IV, como era o desejo manifestado por grande numero de jornalistas d'esse tempo.

Isto durou até 1850, sendo em 9 de dezembro a Escola do Exercito mudada para o palacio real da Bemposta e passando algumas aulas da Escola Polytechnica a estabelecerem-se no edificio.

Por decreto de 9 de março de 1858, para ali passou o museu de historia natural, que estava a cargo da academia real das sciencias, e em 7 de maio de 1878 egualmente para lá foi transferido o jardim botanico, fundado nos terrenos do palacio d'Ajuda pelos drs. Domingos Vandelli e Felix de Avellar Brotero.

Em 1879 o edificio da Escola Polytechnica estava concluido, tendo-se despendido para cima de 190 contos na sua reedificação, sendo as obras dirigidas por Pedro José Pezerat, sob o risco e plano de J. F. da Silva Costa.

O edificio, que se tem ido aperfeiçoando, ficou no seu genero não só o melhor do reino, mas um dos melhores da Europa.

Silva Pereira.

RESENHA NOTICIOSA

NOVA TINTA DE ESCREVER. O conhecido industrial, sr. Cambournac, estabelecido em Lisboa ha muitos annos com officinas de tinturaria, industria em que tem realisado os mais notaveis progressos, acaba de apresentar ao consumo do nosso mercado uma nova tinta para escrever, que reune todas as qualidades das melhores tintas que importamos do estrangeiro, como já tivemos occasião de experimentar. A tinta de escrever é um genero de grande consumo, e por isso é tambem de grande vantagem que a industria nacional o possa fornecer, em tão boas condições como o estrangeiro, e n'este caso está a tinta do sr. Cambournac.

ARTISTAS PORTUGUEZES NO «SALON». São tres os artistas portuguezes que este anno concorrem ao *Salon* de Paris, e cujas obras foram admittidas. O sr. Sousa Pinto expõe um quadro a que já nos referimos em uma noticia da resenha de um dos ultimos numeros do OCCIDENTE; o sr. Teixeira Lopes, estudante da escola de Paris, expõe uma esculptura; e o sr. Felix da Costa expõe um retrato de um filho do sr. Ricardo Loureiro. Para os que sabem das difficuldades que ha para qualquer artista ser admittido ao *Salon*, em consequencia do escrupuloso rigor que se observa na admissão das obras, a honra concedida aos artistas portuguezes é já uma boa recommendação do valor dos seus trabalhos.

O EXPLORADOR ANCHIETTA. Regressou a Loanda, depois de uma demorada excursão pelo interior, o benemerito explorador portuguez José Anchietta, que tem empregado, por assim dizer, a sua vida, estudando as terras da nossa Africa Occidental, e d'onde tem colhido importantes subsidios para as sciencias naturaes, com verdadeira dedicação e incansavel trabalho. D'esta viagem fez as seguintes communicações importantes que transcrevemos: «Quindumbo, terras de Quiaca, nunca occupadas, são muito importantes, não só pela fertilidade do solo e abundancia de productos naturaes, como pela benignidade do clima, pois tem uma attitude média de 1:400 metros, região desconhecida por todas as explorações emprehendidas até ao presente, como provará pelos specimens zoologicos e botanicos, por elle colligidos, que brevemente remetterá ao museu nacional de Lisboa. Consta que na sua passagem por Quissange e Quibula, terras tambem nunca occupadas, que estão situadas entre Benguella e Quindumbo, teve occasião de verificar a existencia de abundantes mattas de café virgem, que seguem ao norte pelo Sélles; este café é de excellente qualidade, mas o indigena pouco colhe, por se occupar quasi exclusivamente das plantações de cereaes e da permutação da borracha e cera da região das vastissimas mattas do Lunbinga. Assegura que todos estes terrenos são d'uma fertilidade tal que de certo se tornariam em um novo Brazil logo que fossem devidamente cultivados. Disse tambem que brevemente vae proceder á continuação dos estudos geologicos da zona entre os terrenos sedimentares do litoral e os de cristalisação da região montanhosa e do planalto dos districtos de Benguella e Mossamedes.»

PEREGRINAÇÃO PORTUGUEZA A ROMA. Partiu no dia 16 do corrente para Roma a peregrinação portugueza. A peregrinação, composta de todas as classes da sociedade, partiu da cidade do Porto, onde se tinham reunido os peregrinos de varias terras da provincia e de Lisboa. Preside a esta peregrinação o sr. arcebispo de Larissa.

NOVA OPERA PORTUGUEZA. O sr. Adolpho Sauvinet concluiu a partitura d'uma opera intitulada *A Flavia*, e que parece será cantada em S. Carlos na proxima época. Os entendidos que tem tido occasião de ouvir alguns trechos da nova opera, tecem-lhe os maiores elogios.

MAIS UM REMEDIO CONTRA O PHYLOXERA. Communicam de França que se descobriu um novo remedio contra o phyloxera, o qual consiste em collocar em redor da cepa fragmentos de vidro, que formando uma especie de estufa, matará o parasita pelo calor.

ASYLO-ESCOLA. A junta geral do districto de Aveiro instituiu um asylo-escola de artes e officios, destinado á educação de menores expostos e desvalidos. É digna do maior louvor tão acertada medida.

AS OBRAS DE JULIO DINIZ. A sr.ª D. Anna Gomes Coelho da Silva e o sr. Guilherme Gomes Coelho, herdeiros universaes de Joaquim Guilherme Gomes Coelho, o primoroso romancista que se assignava Julio Diniz, requereram para lhes ser garantido, em conformidade do que dispõe o Codigo Civil, a propriedade das obras publicadas d'este auctor, e são as seguintes: *Serões da provincia*, *A Morgadinha dos Canaviaes*. *As pupillas do sr. reitor*. *O fidalgo da casa mourisca*. *Uma familia ingleza*. *Poesias*.

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES NO PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO. Abriu no dia 8 do corrente a exposição de bellas-artes no palacio de crystal do Porto. Acham-se expostas algumas obras de

(1) A esse tempo tinha a sociedade de Jesus em Lisboa além da casa professa de S. Roque, os dois collegios de Santo Antão, e os de S. Patricio, Campolide, Cotovia, S. Francisco Xavier, e N. S da Nazareth.

Em 6 de agosto de 1762 era abolida a Sociedade em França; em 3 de abril de 1767 expulsos os jesuitas de Hespanha, em 1768 de Napoles, Malta e Parma; e em 21 de julho de 1773 a bulla de Clemente XIV veiu dissolver a ordem que contava então 22:000 jesuitas!

(2) A Academia de Fortificação e Desenho havia sahido da antiga *Aula de Fortificação e Engenheria*, extincta por alvará de 6 de agosto de 1779, que instituiu esta academia, bem como a *Real Academia de Marinha*. (vejam-se os excellentes e curiosos *Apontamentos para a Historia da Escola do Exercito* pelo tenente coronel d'estado maior José Ricardo da Costa Silva Antunes.

merecimento, assim como um quadro de S. A. a Princeza D. Amelia e uma aguarella de S. A. o Principe D. Carlos, com destino a serem vendidas estas duas obras, em beneficio das victimas do theatro Baquet. Concorrem á exposição com os seus trabalhos os artistas srs. Vaz, Ricardo Hogens, Villaça, Alberto Nunes, Resende, Eduardo Moura, Manuel San Romão, Domingos Constancio, Henrique Carlos Santos, Joaquim Marinho e Luiz Katzenstein; e as sr.as D. Eugenia, D. Tilia e D. Maria Machado, e Mll.e Claire de Resende.

Conferencia na Sociedade de Geographia. O sr. Dr. Manuel Ferreira Ribeiro realisou na Sociedade de Geographia uma conferencia a respeito da *Historia da Luzitania e da Iberia*. No proximo numero do Occidente o distincto collaborador d'este periodico sr. Manuel Barradas, publicará um artigo a respeito d'esta conferencia.

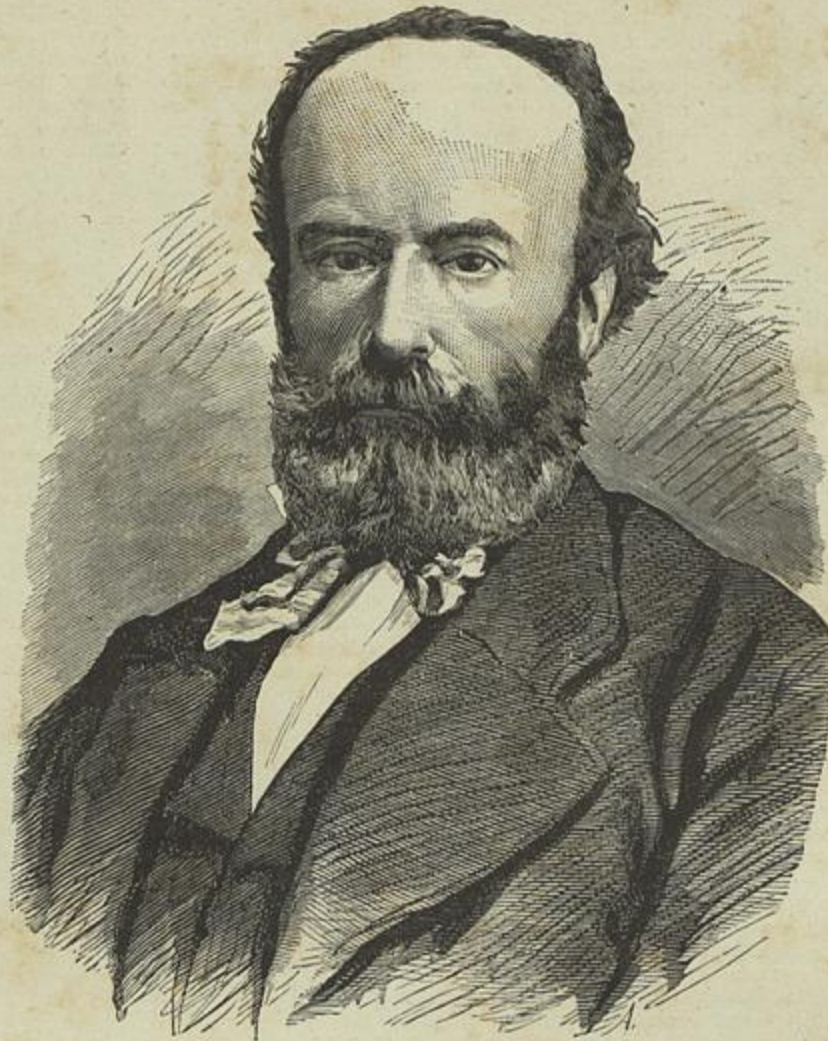
A Partida de Vasco da Gama para a India. A Camara Municipal de Lisboa resolveu conferir os premios do concurso, que abriu para a apresentação de esbocetos de um quadro historico da partida de Vasco da Gama para a descoberta da India, da seguinte forma: 1.º premio ao esboceto do sr. Malhôa; 2.º premio ao esboceto do sr. Costa Lima; 3.º premio ao esboceto do sr. Condeixa. Resolveu mais comprar o esboceto do sr. Vaz, que é um bello quadro. Vê-se que a camara está animada dos melhores desejos. Diz-se que a camara tenciona abrir brevemente um novo concurso para um quadro historico, no que muito a aplaudimos.

DR. VAN DER LAAN — Fallecido em 21 de março de 1888

(Segundo uma photographia)

Viagem ao polo sul. Vae emprehender-se uma viagem ao polo sul, promovida pelas colonias inglezas da Australia, Tasmaria e Nova Zelandia, com o fim de explorar algumas riquezas naturaes d'aquella região. Para esta arriscada empreza reuniu-se um capital de 58.000 libras, ou 261:000$000 de moeda portugueza. A direcção dos trabalhos foi confiada a Alled Joung, considerado o mais competente, pelo grande conhecimento que tem d'aquellas paragens. Uma das riquezas que os exploradores tem em vista explorar é a enorme quantidade de guano, que o dr. Cornick reconheceu existir, quando ali esteve com sir James Ross, em uma outra viagem de exploração, da qual publicou um livro em que, entre outras cousas, se refere ás grandes quantidades de guano que encontrou, assim como á abundancia de baleias que estacionam no polo, em que avultam especialmente os spermaceti.

Bibliographia Goana. Em breve sahirá á luz esta importante obra, contendo uma relação de livros publicados por todos os escriptores, naturaes de Goa. O author pede a todos os seus patricios, residentes em Portugal e no estrangeiro, que lhe mandem uma nota, mencionando n'ella as obras que tiverem publicado, o anno e o logar da impressão, o numero de paginas, o formato e o titulo da obra; bem como pede que a referida nota seja acompanhada de apontamentos biographicos de cada auctor, em referencia á data do seu nascimento, filiação, naturalidade, condecorações que tiver obtido, factos notaveis da sua vida publica, cargos e commissões officiaes que tiver exercido. Estes esclarecimentos devem ser dirigidos ao author da *Bibliographia Goana*, sr. Carlos Eugenio J. F. Ferreira. Goa (Corjuém).

Archeologia. Sob o titulo de *Antiguidades Prehistoricas do Concelho da Figueira*, vae o sr. Antonio dos Santos Rocha publicar um livro, a respeito dos megalitos das proximidades de Brenha e sobre o mobiliario prehistorico de Quiaios, Cabanas, Brenha, Tavarede, Alhadas e Fontella. Por esta resenha se póde calcular que deve ser um trabalho importante.

PUBLICAÇÕES

O Mensageiro Litterario, *revista mensal bibliographica, scientifica, litteraria e recreativa*. Livraria de J. J. de Mesquita Pimentel, editora, Porto, 1888. Anno 1.º n.º 1 correspondente a janeiro. Esta revista propõe-se dar conta de todo o movimento scientifico e litterario de Portugal, Brazil, Hespanha, França, Belgica, Italia, Inglaterra, Allemanha etc., contendo além d'isso producções litterarias scientificas dos mais distinctos escriptores de Portugal e do Brazil. Parece-nos extremamente util a publicação d'esta revista, muito especialmente para as pessoas que desejam estar ao corrente das publicações novas que todos os dias estão vendo a luz publica, tanto no nosso paiz como no estrangeiro, onde o movimento litterario e scientifico é enorme. Se considerarmos que o *Mensageiro Litterario* é amenisado com producções de merecimento, escusado será recommendar aos leitores tão interessante publicação.

A Imprensa, *revista scientifica, litteraria e artistica*, director litterario, Affonso Vargas. Lisboa. Depois de algum tempo de interrupção, que justos motivos determinou, apparece-nos agora este bello periodico, primorosamente collaborado e impresso, pelo que é de esperar continue a merecer a boa acceitação com que foi recebido no principio.

O Doutor Ox, por Julio Verne, traducção de A. M. da Cunha e Sá. David Corazzi, editor. Lisboa. Tornaram-se tão populares em Portugal as obras de Julio Verne, que é ocioso recommendal-as ao publico, e porisso bastará só dizer que este volume pertence á grande edição economica que a casa editora, David Corazzi, está publicando.

Companhia Real Promotora da Agricultura Portugueza, *relatorio da direcção sobre a sua gerencia no anno de 1887 com o respectivo balanço e parecer do conselho fiscal*. São duplamente animadores os resultados que este relatorio apresenta, porque se a benemerita companhia prospera, isto importa dizer que a agricultura portugueza vae utilisando os bons serviços que a mesma companhia lhe presta. A vulgarisação das machinas agricolas, a introducção dos adubos artificiaes, como outros tantos agentes fertilisadores e economicos para a industria agricola, devem-se em grande parte á *Companhia Real Promotora da Agricultura Portugueza*, e é por isso que devemos fulgar com o bom resultado que tem obtido, porque com ella tambem terão lucrado os nossos agricultores. Os lucros liquidos que esta companhia teve no anno de 1887 elevam-se a 23:738$047, o que lhe permittiu um dividendo de seis por cento, além de cinco por cento para o fundo de reserva e pagamento do imposto de rendimento. Que continue a prestar o seu valioso auxilio á agricultura e a prosperar, é o que desejamos.

Bibliotheca Universal Antiga e Moderna, David Corazzi, editor, Lisboa. N.º 6, *Marilia de Dirceu*, por Thomaz Antonio Gonzaga, com uma noticia biographica do auctor. O famoso poeta do seculo passado resurge nas paginas d'este livro á geração moderna, que muito tem n'elle para aprender e estudar, como em tantos outros auctores portuguezes notaveis, cujas obras são hoje pouco vulgares. A *Marilia de Dirceu* tem bellezas poeticas que fazem lembrar Petrarcha, como muito bem diz o biographo de Gonzaga, e esta *Bibliotheca* presta um bom serviço ás letras portuguezas, vulgarisando esta e outras obras de importancia de auctores portuguezes.

Bibliotheca do Povo e das Escolas, David Corazzi, editor. Lisboa. N.º 154. *A polvora e os explosivos modernos*, por Achiles Machado, engenheiro militar. N.º 155, *Receitas uteis*, por João Bastos Pereira da Costa, alumno do Instituto Industrial e Manuel Diogo de Valladares, estudante de instrucção secundaria. Qualquer d'estes dois livrinhos se recommendam pela utilidade do seu assumpto.

Typ. Castro Irmão — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa